

A quem serve o voto nulo?

GUIDO HELENO

O voto nulo virou assunto importante, preocupante e até merecedor de anárquica campanha. Pichações em "outdoors", frases ditas ao pé do ouvido, faixas e cartazes tentam levar ao público a idéia de que é válido anular o voto. O principal argumento é de que o voto nulo expressaria o descontentamento de muitos com relação aos abusos econômicos na campanha eleitoral e, principalmente, quanto ao baixo nível dos candidatos à Constituinte. A forma de protesto é correta e válida, já que em um regime democrático cada um pode fazer o que quiser com o seu voto. Há, inclusive, os que vendem o seu voto e até anunciam. Se bem que, já disseram, por mais barato que se compre um voto, ainda será caro demais.

E o voto nulo? O voto nulo, assim como o voto em branco, não é um voto inútil. Ele, pelo contrário, interessa e serve a alguns. O pior é que o voto nulo vai ajudar justamente aos candidatos mais comprometidos com o poderio econômico, menos comprometidos com o povo. Se as pessoas com um nível maior de conscientização, capazes de identificar o baixo nível e os comprometimentos de determinados candidatos com grupos econômicos, se esses eleitores anularem seus votos, vão tirar uma parcela considerável de votos dos candidatos mais prejudicados pela falta de espaço. Seria exagero isso? Acho que

não. O voto nulo, segundo os adeptos da causa e preconizadores dessa ação, será um clamoroso protesto contra o atual jogo eleitoral e suas inadequadas regras. Sei que estão pensando no futuro, em próximas eleições. Só que esta eleição é para eleger constituintes e serão os eleitos de agora os responsáveis maiores para provocar as reclamadas mudanças nas regras do jogo, para garantir eleições futuras mais representativas e menos sujeitas ao poderio econômico.

Com relação ao voto nulo, seus praticantes nem poderão cantar o refrão do "...a gente somos inútil", porque eles estarão sendo bastante úteis. E se todo voto, nulo ou não, terá um peso na decisão eleitoral do próximo dia 15, por que não votar para valer? Uma garimpagem cuidadosa talvez não leve a um punhado de pedras preciosas, mas garantirá ao menos descartar um monte de cascalho. A lista de candidatos é imensa, o rol de promessas e intenções é maior ainda. Parece-me que partir para o voto nulo é uma forma de fugir à escolha, de demonstrar incapacidade ou preguiça para chegar aos melhores, ou se quiserem, aos menos ruins.

"A sociedade não é monolítica". "Tem gosto para tudo". "De boas intenções o inferno está repleto". "Quem muito promete, pouco faz". Poderia desfilir uma gama de chavões capazes de servir de pontos de reflexão

sobre o atual quadro eleitoral. Cada um é capaz de encontrar suas verdadeiras razões para seu ato eleitoral. O processo está em andamento e a impressão que fica é que é sempre contra nós. Não é a eleição que se quer, com os candidatos que desejamos. Mesmo assim devemos exercer, com consciência, o nosso voto. A questão da cidadania passa, certamente, pela livre escolha de representantes. A melhor eleição é aquela em que são garantidas amplas liberdades para se votar e ser votado. Ninguém é ingênuo para acreditar que as atuais eleições são assim. Votar bem em meio a tantos desmandos e jogos de interesse não é tarefa fácil. O eleitor tem que tentar chegar além das aparências, tem que ver em sua ação de votar as possíveis consequências de seu voto ou não-voto.

Brasília nos obrigou a um longo jejum eleitoral. Agora, há um banquete e os pratos não são tão apetitosos quanto gostaríamos que fossem. No entanto, é preciso estar vivo para lutar e o alimento é necessário. Temos que abrir mão do sabor em função do valor nutricional. Temos que votar, sim. Votar naqueles candidatos que julgamos melhor, independentemente de prévias eleitorais e aparências eleitoreiras. E aqueles que anularem conscientemente seus votos, saberão a quais candidatos seus votos faltarão.